

Notas de perto

IX

Meu Caro C.

Prometi a semana passada mostrar-te hoje mais algumas das combinações internacionais dos capitalistas para a exploração da indústria de guerra.

Tens lido o suficiente, creio, para te convencer de que para o rico não ha fronteiras; para o acionista, para o financeiro, para o industrial, para o comerciante, etc., não ha questão de nacionalidade, raça, ou religião, ou politica que impeça os seus fins: viver a todo o transe e de qualquer meio do suor dos trabalhadores.

Entre os acionistas da Steel Manufacturers Nickel Syndicate, Ltd., figuravam: William Beardmore & C.; Chas. Camell & C.; Armstrong, Whitworth & C.; Vickers, Sons & Maxim, Ltd., todos ingleses.

1909, a Hadfield's C., inglesa. Todas elas fabricavam ferro e aço e possuíam minas de carvão para servir a indústria de guerra.

O descaramento chega porém ao extremo quando os vamos encontrar conluídos em volta da Chilworth Gunpowder Co. Ltd., que é quem explora as fábricas de pólvora em Chilworth. De braço dado fazem parte desta companhia, ou, são patrões desta fábrica de pólvora os bons patriotas alemães Mix e Karl Duttchenhofer com fábricas de pólvora no Rhano e em Dueneberg e os não menos optimos patriotas ingleses da firma Armstrong.

O seu caracter internacional, diz o panfleto da Union of Democratic Control, foi conservado até quando a guerra estalou, sendo então que os alemães retiraram O London Times, de 2-10 1914, informava que os Krupps tinham 200.000 libras em acções das fábricas de armamento na Inglaterra quando a guerra rebentou.

Vês o valor do patriotismo dos ricos? Vês tu, como alemães, franceses, ingleses, etc., se concertam entre si para a exploração da rendosa industria de guerra?

Quanto estes caprichos da paz armada tem custado a trinta e uma das pátrias em que eles dividiram o Mundo, tiveste tu occasião de observar pela Tabela I que a semana passada transcrevi das publicadas pela World Peace Foundation. Porque é simplesmente um extracto da Tabela I para fazer notar a despeza que as dez maiores nações fazem com os seus exercitos e marinhas, não transcrevo a Tabela II; mas para veres quanto isto e estes custam a cada habitante de Nove Grandes Nações transcrevo o que segue:

TABELA III Despeza militar total e por habitante—Nove Nações

Table with 4 columns: Países, População Calculada, Custo do Exército e da Marinha, and Custo por habitante. Rows include Austria-Hungria, França, Alemanha, Inglaterra, Itália, Japão, Rússia, Espanha, Estados Unidos, and Totais.

Variemos agora um pouco já que assunto de momento nos dá ao a isso.

Recordas-te da famosa questão de Home Rule que ia levando a Inglaterra a uma guerra civil, pelo menos na escravizada Irlanda?

Renitente, protestando até contra as resoluções do seu Governo e do seu parlamento, para que se não desembrasse o querido Imperio Britânico, o rico Edward Carson levantou e pôs em armas para a resistencia a essa resoluções a provincia do Ulster na Irlanda. Vê lá, tu, que qualidade de tipo este que ousou levantar uma provincia do seu país para chacinhar os seus irmãos se o Governo Imperial ousasse conceder-lhe definitivamente as regalias politicas já aprovadas e ha muito ansiadas.

Não venho recordar este caso como partidário de qualquer das facções que iriam á luta se a guerra não viesse pôr tréguas aos preparativos bélicos das suas decisões; se te venho falar nisto é porque até daqui podemos tirar conclusões que muito bem nos servirão para aquilatar o valor dos politicos e seu respectivo valor patriótico.

O Morning Post publicou no dia 10-12-1910 uma entrevista que tivera com sir Edward Carson, Hon. Secretario do Conselho Unionista do Ulster, que lhe declarou: «Quanto a mim, e creio que pelos meus colegas, posso dizer que se fomos abandonados pela Grã-Bretanha, preferiria antes ser governado pelos Alemães do que por Patrick Ford, John Redmond

e Companhia» (Partidarios de Home Rule, na Irlanda).

O mesmo jornal, em 9-1-1911, publicou outra entrevista que tivera com o Capt. Craig, chefe do outro, e acrescentou:

«Ha um crescente espirito, lá fora, que eu posso testemunhar com o meu conhecimento pessoal, que a Alemanha e o Imperador alemão seriam preferidos a um governo de John Redmond, Patrick Ford, e Molly Quaires».

O Belfast Evening Telegraph, deu-nos o seguinte bocadinho em 27-8-1913:

«Sir Edward Carson teve a honra de ter sido convidado para lanchar com o Kaiser a semana passada em Hamburgo».

Outro jornal informa-nos: «a carga de espingardas Mauser para armar os Voluntários do Ulster em abril de 1914, veio da Alemanha. Sir Edward Carson confiou esta tarefa ao Major F. Crawford, que, em 29 de abril, em Bangor, declarou o seguinte que o North Down Herald publicou em 3 de maio seguinte: «Se eles fossem postos fora da União, infinitamente preferiria mudar a sua aliança para com o Imperador da Alemanha ou qualquer outro que pudesse obter um Governo estavel».

E agora, eu comento com um jornal, Sir Edward, «o Desleal», é Director—Geral na maior colecção de Ministros reaccionários dos tempos modernos e que a Imprensa Liberal aplauda! Isto é, entrou agora na recomposição ministerial que o gabinete ingles sofreu.

Sem querer ainda acrescentar que os politicos da nossa querida Patria sejam capazes de fazer o mesmo a isto, vender tudo por um centavo de banha de cheiro,

que te parece este patriotismo desinteressado dos ricos que levantam os povos para a chacina?

Que me dizes desses abnegados que ameaçam vender-se ao inimigo e depois são quem dirige a luta armada contra ele, tendo-se já antes servido dele para desasocego da sua pátria?

Ahl meu caro, como são cegos os que os seguem e como é necessário abrir-lhes os olhos para que vejam claro!

Lisboa 8-6-1915

Teu H. QUESARIO

P. S. Corrijam-se apenas as indisponíveis grafias: Por baixo da Tabela da ultima Nota vem Houved em vez de Houved-Sandanes em vez de Gendarmes e do dolar deram o valor de 1003 quando está a 100, o que é muito diferente.

Os anarquistas alemães e a guerra

Com este título, publicou o camarada alemão Paulo Schreyer, em Volonté, um longo e interessante artigo sobre a attitudo dos libertários tudescos ante a guerra e sobre a sua acção futura.

Nesta última parte, escreve, entre outras coisas o seguinte:

«Os governos tentarão todos os meios para sufocar o nosso movimento; e por outro lado a servil social-democracia fará outro tanto para calar as vozes que lhe censurarem a sua vergonhosa coaduta. Em caso de vitória, as escandescências patrióticas tornarão os operários mais bárbaros e mais hostis ao anarquismo.»

Na sua luta e propaganda, de grave embaraço será então para os camaradas alemães a attitudo favoravel á guerra que Krapfline e alguns outros agora mantêm. A social-democracia não deixará de apresentar o exemplo deles aos camaradas alemães, afim de justificar o seu procedimento.

—Vede—dirão eles—os melhores de entre os vossos eram também pela guerra; quiseram defender a cultura russa contra a cultura germânica; o nosso ponto de vista não é, pois, errôneo.

E em dávida, os camaradas que estão na Alemanha e não tem á sua disposição jornal algum são postos em grande embaraço pelas publicações, que se fazem lá também das cartas de Krapfline, Guillaume, etc. Quando foi publicada a carta ao professor Steffen, desagradou tanto, que não podiamos prestar-lhe crédito; parecia coisa inconcebivel de tudo.»

E' o que por várias vezes temos aqui afirmado: a attitudo dos intervencionistas, além de contradizer os ensinamentos do anarquismo, é praticamente um grande erro de tática, favorecendo e fortalecendo não somente o governo nacional próprio, mas ainda o do país inimigo, os seus partidos anti-revolucionários. Igual depoimento é feito num documento que publicaremos, emanado dos socialistas búlgaros.

Eis porque são úteis as manifestações colectivas—congressos, manifestos, etc.—antiguerristas, e eis porque se trabalha para a immediata constituição da Internacional Libertária, a contrapor a certas manifestações individuais.

UMA CARTA ELUCIDATIVA

Como quase sempre acontece, dos últimos acontecimentos fizeram-se as mais absurdas e fantásticas atoardas, que o publico apreciava e comentava, como sabia. Os sindicalistas ainda desta vez não escaparam aos intuitos mal intencionados e systemáticos dos boateiros, inventando-se que eles também tinham entrado na revolução, subdivididos em partidários deste politico, uns, e partidários daquele influente, outros. Esta brincadeira de mau gosto, por certo engenhosamente inventada para marcar uma nova época de terror e de perseguições para os operários conscientes, indignou-nos profundamente. Nós não podiamos acreditar que sindicalistas conscientes da sua situação e do seu papel de lutadores independentes entrassem numa revolução politica, de partidos, vertendo o seu sangue por um chefe qualquer, estranho á luta de classes e pertencente á sociedade privilegiada, que nos oprime, calunia e envergonha.

Felizmente, a lenda espalhada malevolamente pelos ruins especuladores, dissipou-se facilmente. E' que já pouca gente acredita em semelhantes intrigas.

Mas para maior elucidação, as Juventudes Sindicalistas de Lisboa enviaram a seguinte carta a um diário da capital:

«Sr. redactor:—E' com a maior surpresa que lemos, nalguns relatos, que, sobre os ultimos acontecimentos, tem sido publicada nos jornais a affirmção de terem os sindicalistas tomado parte activa nalguns acontecimentos politicos. Assim,

chamam-nos a attenção para a disparatada noticia, publicada nalguns diários, sem duvida erradamente informados, de ter havido para os lados do Campo de Santa Clara um combate entre revolucionarios e sindicalistas (!) tendo estes ultimos sido vencidos por aquéllas, etc., etc. Esta noticia seria simplesmente hilariante se não fosse fornecida com o intuito de justificar futuras perseguições ao povo trabalhador organizado e consciente e, por isso, não podemos deixar de vir, por esta meio, declarar ser redondamente falso que sindicalistas se tenham batido contra qualquer grupo de revolucionarios.

A nós—são nos absolutamente indifferentes lutas como esta ultima, pois, encaricados inimigos de todos os politicos, não temos preferências por este ou aquêle grupo de governantes.

Não pretendemos assegurar que não tenham colaborado no ultimo movimento alguns individuos que se supõem ser sindicalistas, mas esses individuos não podem de boa fé ser tomados como representando a organização operária que se norteia pelo sindicalismo revolucionario. A sua acção é meramente individual e dela não cabe a menor parte de responsabilidades á organização sindicalista á qual, repetimos, são indifferentes estes movimentos revolucionarios para mudança de governantes.

A nossa acção é muito outra: temos métodos de luta muito nossos e aspirações muito diferentes daquellas pelas quais tanta gente se sacrificou há dias.

Estamos certos de que, com esta declaração, o publico ficará definitivamente convencido de que os sindicalistas não tomaram nem tomarão parte em movimentos politicos, destinados unicamente a substituir uns governantes por outros.

Parece-nos que é o suficiente. Ou não será?

A greve geral de Turim

Le Réveil traz-nos noticias mais completas e insuspeitas da greve geral antiguerrista de Turim, transcrevendo-as verbalmente dum jornal conservador, La Stampa. Apesar de este fazer a narração com aquellas amabilidades que os jornais burgueses costumam dedicar aos revolucionarios sociais, o governo mandou-o apreender, achando melhor o silencio sobre aquele e outros acontecimentos.

A greve, respondendo ao apelo da Comissão executiva da Cámara do Trabalho e da Secção socialista, foi unânime e completa, deixando de circular até os carros. E as colisões com a força armada começaram immediatamente. Os grevistas assaltaram um armazém de armas e um carro militar, levantaram algumas barricadas, entrincheiraram-se nos pavilhões da Exposição de flores e na Cámara do Trabalho, sustentaram vivo tiroteio. No mais vivo da acção, naturalmente, notou La Stampa os elementos jovens e os anarquistas, quo o jornal burguês criva dos seus mais amáveis insultos.

Em 17 de maio, foi o governo da cidade entregue á autoridade militar. A agitação esmoreceu, tanto mais que os deputados socialistas, temerosos da feição que as coisas iam tomando, lançaram no mesmo dia um manifesto convidando os grevistas a voltarem ao trabalho.

Demais, o exemplo de Turim não foi logo ou simultaneamente imitado nas outras regiões; algumas localidades seguiram-no, mas uma por uma, sem as medidas próprias da situação.

Além das greves, houve revoltas individuais, casos de insubordinação, manifestações collectivas de soldados. Na sua grande maioria o povo italiano era contrário á guerra e oferecia um bom campo de acção aos revolucionarios. Mas além das poderosas influências que promoveram o intervencionismo, além dos eficazes meios de intimidação, de engano e de desorganização popular em poder dos dirigentes, outras causas, da parte do povo, contribuíram para fazer fracassar e deter no caminho a bella tentativa: esperava-se que os parlamentares, que os politicos evitassem ainda a guerra; acreditava-se que o gram-chefe Giolitti, tido como dono da maioria parlamentar, queria e podia arredar o flagelo; confiava-se na acção e nas combinações politico-parlamentares dos deputados socialistas!

Maldito parlamentarismo! Maldita confiança nos messias!

Seja como for, alegue-se embora que muito mais podiam ter feito, os revolucionarios sociais italianos fizeram alguma coisa, muito em relação ao que fizeram os dos outros países beligerantes. Não evitaram a guerra; mas venceram fortemente a sua idea e salvaram a sua acção futura! Um grande bravo aos camaradas italianos!

Consequências da guerra das nações

Considerada em geral, a guerra actual só pode ter para o Livre Pensamento consequências funestas, cuja importância, contudo, cumpre não exagerar. Vejamos essas consequências:

No ponto de vista politico: Um conflito armado tem sempre como consequência ulterior o fortalecimento do militarismo nos países em luta. Este fortalecimento pode ser mais ou menos accentuado. Segundo as circunstâncias e os povos, pode ser mais ou menos immediato. Mas segue sempre de perto o fim das hostilidades. De lado da vitória, para manter a força nacional em estado de defender as vantagens recentemente alcançadas pelo triunfo das armas. Do lado de derrota, afim de preparar as energias da pátria mutilada e humilhada—mas não resignada—para tirar uma retumbante desforra quanto antes. Ora isso é outro tanto terreno perdido para a liberdade, tal como nós a entendemos.

Porque é manifesto que os cidadãos dum Estado em que reina o militarismo são muito menos livres que os daqueles em que ele não reina; tanto por terem encargos mais pesados, como por eles serem marcados limites mais estreitos á manifestação do pensamento nos vários ramos.

No ponto de vista social: Lembremo-nos de que os vãos devidos ao chumbo inimigo deixam nas familias, além da dor, uma raiva surda e exasperada contra a mão que os produziu. O odio, essa pérfida vibração, enlaça os corações doloridos, inocula-lhes a sua peçonha. Transforma individuos bons, brandos e generosos em patrioteiros endurecidos, sem piedade pelos sofrimentos dum homem cujo unico erro seja pertencer a uma nação inimiga! E', pois uma consequência directa da guerra o cavar entre os adversários um fosso para sempre intransponível. Daí, em ambos os campos, um patriotismo estreito, inflexível, tapado, traduzindo-se na vida diária por uma revoltante intolerância senão restricções arbitrarias feitas á liberdade de pensamento dos outros?

No ponto de vista religioso: Forçoso é reconhecer que a guerra actual marcará um progresso da religiosidade na massa. Disso derivará naturalmente um acréscimo do poder clerical. Ante a imensidade da catastrophe, o espirito transtornado volta-se instintivamente para um deus que possa dominar a luta titânica. Perante a impotência das forças humanas para assegurar o triunfo do direito, e num impulso espontaneo cuja explicação se deve buscar na hereditariade atávica, o homem surpreende-se a invocar com toda a sua alma, com todo o seu coração, o Todo-Poderoso, tão bom, tão justo do mesmo modo que as crianças amedrontadas chamam a fada bembafeja, tão linda e tão generosa.

Ao pensar nos perigos que se seguem adorados correm no campo de batalha, sufoca-nos, estrangula-nos uma angústia. O nosso desejo seria fazer qualquer coisa em favor deles, ajuda-los, protegê-los; e o nosso cerebro desvaído nada encontra. Nada, afora curvar os joelhos. E os nossos lábios vacilantes murmuram a prece gaguejada na infância. Pobres loucos! Se esse Deus existisse e quizesse evitar ao solo a mancha do sangue humano e á mulher o ultraje das lagrimas, não poderia ter impedido a guerra.

Em volta de nós, estende-se neste momento a vaga de misticismo, poderosamente favorecida pelos soberanos e pelos padres. Vêde os primeiros dirigirem a Deus invocações públicas e por assim dizer officiais; vêde cada um deles afirmar ao seu exercito que Deus está com ele e só com ele. E' para lhe dar mais coragem para matar, incendiar, destruir. Vêde, por outro lado, os padres dos países beligerantes desfraldarem os seus estandartes amaranhados, sacudindo-lhes o pó e pondo-os a flutuar ao vento tempestuoso com alegria e orgulho.

Vêde os organizarem preces, missas, te-deuns, requiems. Sob a influencia da solidão moral criada pelo caso actual, sente-se cada um tomado dum invencivel desejo de